

 <p>Revista de Estudios sobre Lectura</p>	<p>Ocnos Revista de Estudios sobre lectura http://ocnos.revista.uclm.es/</p>	 <p>Open Access Full Text Article</p>
--	--	--

O Minotauro de Monteiro Lobato: uma adaptação didática do mito à literatura infantil

O Minotauro by Monteiro Lobato: a didactic adaptation of the myth in children's literature

M^a Elena Curbelo-Tavío

<https://orcid.org/0000-0002-6474-3212>

Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

Received:
14/09/2018

Accepted
26/02/2019

ISSN: 1885-446 X
ISSNe: 2254-9099

Palavras-chave:
Mitologia clássica; literatura infantil e juvenil; adaptações literárias; Minotauro; Monteiro Lobato

Palabras clave:
Classical Mythology; Childrens Literature; Literary Adaptations, Minotaur; Monteiro Lobato.

Contact:
mariaelena.curbelotavio@ulpgc.es

Resumo

A mitologia greco-latina está muito presente na literatura infantil para se dar a conhecer o mito. Não obstante, existem obras em que o mito se insere noutras narrações de forma que à mera função epistemológica se adiciona a lúdica e a didática. Nestes casos, os autores servem-se de uma série de mecanismos de adaptação que facilitam a sua aproximação à Antiguidade clássica e à identificação do leitor com os protagonistas do relato. O primeiro autor a fazer uso destes no Brasil foi Monteiro Lobato em *O Minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*. Neste trabalho analisar-se-ão os mecanismos de adaptação que operam na sua obra e a reutilização particular e didática que Lobato faz do mito.

Abstract

Graeco-Latin mythology is usually found in children's literature to make myths known to a wider public. However, in some works for children the myth is integrated with other stories so that, apart from the epistemological function, we can identify didactic and entertaining purposes. These stories display a series of mechanisms of adaptation that facilitate the readers' approach to Classical Antiquity and their identification with the main characters. The first author to apply these mechanisms in Brazil was Monteiro Lobato in *O Minotauro* and *Os doze trabalhos de Hércules*. In this paper, we analyse the different adaptation mechanisms found in his work *O Minotauro* and Lobato's specific and didactic reutilisation of this myth.

Curbelo-Tavío, M. E. (2019). *O Minotauro* de Monteiro Lobato: uma adaptação didática do mito à literatura infantil. *Ocnos*, 18 (1), 52-62.

doi: https://doi.org/10.18239/ocnos_2019.18.1.1813



Introdução

A mitologia greco-latina está muito presente na literatura infantil¹. Esta presença materializa-se, na maior parte das vezes, em adaptações convencionais que se limitam a reproduzir os relatos míticos com frequência simplificados², um tipo de reescrita chamada transformação simples ou direta (Encinas, 2015; Sotomayor, 2005). A presença do mito na literatura infantil justifica-se porque, como Encinas (2015, p. 88) menciona: “se considera que o conhecimento da mitologia clássica estimula a imaginação, suscita a curiosidade ou proporciona, além de um evidente deleite, um escape da realidade”.

Juntamente com estas adaptações mais habituais, também encontramos uma utilização mais inovadora do mito, em que as personagens ou episódios míticos se inserem noutra narração. Neste caso, os protagonistas, geralmente crianças coetâneas do autor, viajam ao tempo dos mitos, servindo-se da magia ou de outros elementos maravilhosos e aí, durante um tempo limitado, convivem com deuses e heróis (Rodríguez-Herrera, 2002a).

Monteiro Lobato foi o primeiro, no Brasil, a levar a cabo esta peculiar forma de adaptar as histórias clássicas e fá-lo em vários livros da sua obra o *Sítio do Picapau Amarelo*. Mais concretamente, dedicou duas das histórias desta saga exclusivamente aos mitos clássicos, *O Minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules*³.

Neste artigo estudar-se-á o conto de Lobato *O Minotauro*⁴ tendo por objetivo evidenciar se nele se aplicam, e de que forma, estes mesmos mecanismos.

Monteiro Lobato e *O Sítio do Picapau Amarelo*

José Bento Monteiro Lobato (Taubate, 18/04/1882 - São Paulo, 5/07/1948)⁵ é considerado como o pai da literatura infantil brasileira. Não é por acaso que a data do seu nascimento foi

escolhida para a comemoração do *Dia nacional do livro infantil*⁶.

A série de livros que compõem o *Sítio do Picapau Amarelo* é a sua obra mais conhecida⁷ e foi traduzida, entre outras línguas, para espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, russo e árabe.

O *Sítio do Picapau Amarelo* é uma série composta por 23 títulos, entre os quais se incluem relatos como *A História do menino que não queria crescer: Peter Pan*, *Dom Quixote das crianças*, *Histórias do mundo para crianças*, *O Minotauro* e *Os doze trabalhos de Hércules* em que nas personagens da série se incorporam, como protagonistas, outros provenientes de obras clássicas da literatura universal, de contos infantis e de relatos mitológicos e históricos. Face a este grupo, há outros livros em que não encontramos este tipo de incorporações como, por exemplo *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho*, *Aritmética da Emília* o *Viagem ao Céu*.

O centro deste reino da imaginação ou *faz de conta* é o *Picapau Amarelo*, um rancho em que convivem personagens verosímeis e fantásticos. Entre os primeiros encontra-se Dona Benta, a proprietária da fazenda e principal narradora dos contos, que satisfaz a curiosidade dos outros dois protagonistas, os seus netos, Narizinho e Pedrinho, sempre desejosos de novas aventuras; ou a cozinheira negra, Tia Nastácia. Entre as personagens fantásticas que, no entanto, como nos contos, atuam como se fossem reais ao longo dos diversos relatos, os mais relevantes são a boneca de pano Emília, *alter ego* do autor, e o Visconde de Sabugosa, uma maçaroca com pés e mãos que é um verdadeiro sábio. Completam o elenco de personagens que habitam o rancho o rinoceronte Quindim, o Conselheiro Burro Falante e o Marquês de Rabicó.

Estas personagens viajam ao interior de outros contos ou a outras épocas num jogo de intertextualidades que permite que Lobato misture fantasia e realidade com uma finalidade didática: ensinar às crianças do Brasil, de uma

forma amena, cultura geral, história e literatura. Nas palavras de Velloso da Silveira (2012), “[Lobato] soube conjugar os dois fatores que lhe deram tantos êxitos: a ‘realidade’ na leitura da vida, juntamente com a ‘fantasia’ que promove a ‘criatividade’” (p. 257).

Em vários dos contos há incursões no mundo clássico greco-latino. Desde o primeiro relato da série, *Reinações de Narizinho* (1931), as personagens do Sítio viajam ao mundo clássico, ao mundo do fabulista Esopo e ao País da Fábula e, posteriormente, em *O Pica-pau Amarelo* (1939), personagens do mundo da fábula viajam e instalam-se no rancho. No entanto, *O Minotauro* (1941) e *Os doze trabalhos de Hércules* (1944)⁸, com o qual encerra a saga, são totalmente dedicados à Grécia⁹ (Machado, 2004).

O Minotauro narra a viagem que os habitantes do Sítio efetuam à Grécia para resgatar a Tia Nastácia, que desapareceu no meio da confusão provocada pelos habitantes do mundo das fábulas durante a sua estadia no rancho, história que se relata em *O Pica-pau Amarelo*. Para encontrá-la, os habitantes do rancho embarcam rumo ao país heleno, pois a boneca Emília suspeita que a Tia Nastácia está nas mãos do Minotauro. A primeira paragem ocorre na Grécia do século V a. C., em que interagem com figuras históricas como Péricles, Fídias e Sócrates. Aí permanecerão Dona Benta e a sua neta Narizinho, enquanto Emília, o Visconde e Pedrinho se transportam para uma época ainda mais antiga, o século XV a. C., para a Grécia Heroica em que visitarão o Olimpo; dirigir-se-ão ao oráculo de Delfos; ajudarão Hércules em Lerna e, finalmente, chegarão até ao labirinto, de onde resgatarão a cozinheira. Depois de voltarem ao século V para se reunirem com os que lá ficaram e se despedirem de todos, os *pica-paus* regressam à sua casa.

Mecanismos de adaptação em *O Minotauro*

Tal como já mencionamos, face às adaptações convencionais do mito clássico, aparecem

outras obras em que as personagens do conto são crianças que convivem pontualmente com as personagens, deuses e heróis protagonistas destes mitos. Esta nova versão, em que a realidade do conto interfere com a do mito e as personagens contemporâneas se integram no mundo dos clássicos através de uma série de artifícios, facilita a aproximação do mundo e da cultura clássica ao leitor infantil. Exemplos de adaptações deste tipo são, além das já mencionadas de Lobato, *Diário de Pilar na Grécia* (2010) y *Entre Deuses e Monstros* (1982), das escritoras brasileiras Flávia Lins e Silva e Lia Neiva, respetivamente; *Las Tres Mellizas: Helena de Troya y Los viajes de Ulises* (1999) y *Los forasteros del tiempo: La aventura de los Balbuena en el Imperio Romano* (2017), dos autores espanhóis Roser Capdevila e Roberto Santiago; *Geronimo Stilton: Le avventure di Ulisse* (2009), da italiana Elisabetta Dami ou, em formato audiovisual, *A Odisseia*, de Los Lunnis (2006).

Este processo de adaptação é conseguido mediante a colocação em funcionamento de mecanismos presentes em praticamente todos estes livros.

Diferentes autores se ocuparam dos mecanismos de adaptação à literatura infantil e juvenil em geral (Laparra, 1996; Soriano, 1995; Sotomayor, 2005) mas, embora se baseie nos anteriores, Rodríguez Herrera (2002a) ocupa-se especificamente dos mecanismos de adaptação do mito clássico. Por isso, seguimos a sua classificação, à qual adicionámos algumas alterações que consistem, sobretudo, na sistematização dos mesmos.

Estes mecanismos são:

- a dupla temporalidade
- a presença de elementos vinculados ao maravilhoso ou ao mágico;
- a contextualização do mito;
- a ausência de deuses que intervenham no desenlace das histórias;

- a eliminação, adição ou modificação de elementos do mito, assim como de cenas eróticas, sexuais e de violência extrema;
- e a simplicidade e a clareza da linguagem.

Vejam os mecanismos que estão presentes em *O Minotauro*.

A dupla temporalidade

Neste tipo de relatos há uma mistura entre o *tempo real* ou contemporâneo, em que as personagens se encontram no início das histórias e ao qual regressam no fim das mesmas, e o *tempo do mito* ou da ficção, em que os protagonistas interagem com deuses e personagens de outras épocas, lugares e culturas.

Esta mistura de ficção e realidade está presente em todos os livros que compõem a série do Picapau Amarelo, em que o mundo *real* dos habitantes do *Sítio* e o da *imaginação* se entrecruzam com absoluta naturalidade. O argumento geral destes apresenta uma aventura nova surgida a partir de outra anterior à qual aludem.

Em *O Minotauro*¹⁰, a festa de casamento do príncipe Codadad com a Branca de Neve acabou violentamente interrompida pelos monstros das fábulas e o desaparecimento da Tia Nastácia. A procura e libertação da cozinheira faz com que empreendam a expedição à Grécia clássica e à mítica “povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro” (*Minotauro*, p. 17). Aí, os habitantes do *Sítio* conversam, ajudam e passam muito tempo com as personagens, reais e fictícias, da época para a qual se transferiram.

Uso do elemento mágico ou de um certo componente maravilhoso

Os elementos mágicos e maravilhosos estão vinculados às diversas formas como as personagens de *O Minotauro* se transportam para outras

épocas e lugares. Os procedimentos por intermédio dos quais o conseguem são vários. Há-os mais tradicionais e semelhantes aos dos contos, como o *pó de pirlimpimpim*.

A forma mais usual de viajar por parte dos protagonistas consiste em aspirar um pó mágico, o *pó de pirlimpimpim*, cujo primeiro aparecimento ocorreu em *Reinações de Narizinho* e que os pica-paus utilizarão a partir de então para a sua transferência para outras épocas: “Somos exploradores do tempo graças a um pó mágico que nos leva a qualquer século que queiramos visitar” (*Minotauro*, p. 104).

E outro pó diferente “do antigo pirlimpimpim, chamado ‘pó número 2’ (...) muito semelhante à do clorofórmio. Eles perdiam a consciência e só acordavam quando atingiam o tempo a visitar” (*Minotauro*, pp. 95 y 101).

A diferença entre um e outro é explicada mais adiante:

Como a Argólida ficasse muito longe, iria recorrer a pitadinhas do velho pó de pirlimpimpim, o qual servia para a *locomção no espaço*, isto é, dum ponto da Terra a outro. O pó número 2, (...) era para a *locomção no tempo*, isto é, dum século a outro (*Minotauro*, p. 140).

Noutras ocasiões basta-lhes fechar os olhos e *tchibum!* para irem parar ao lugar desejado: “Todos concordaram e, fechando os olhos, fizeram *tchibum!* Foram sair lá adiante, em plena Grécia de Péricles” (*Minotauro*, p. 31).

Outros elementos mágicos, no entanto, estão mais próximos de procedimentos atuais. A este grupo pertence *O Beija-Flor das Ondas*, a nave a bordo da qual, em forma de máquina do tempo, sulcam os mares até à Grécia clássica (*Minotauro*, p. 17); e outro artefacto fantástico, uma espécie de rádio inventada pelo Visconde que permitia a transmissão de som “dum momento do tempo a outro” (*Minotauro*, p. 138). Em ambos os casos deparamo-nos com a revitalização de velhas fórmulas com recursos novos (Rodríguez-Herrera, 2002a).

Contextualização do mito

O mito clássico é atualizado inserindo, dentro da história, assuntos contemporâneos ao mundo do leitor, assim como com a presença de elementos familiares à criança (cigarros, latas, máquina de costura, rádio, óculos, etc.). Em *O Minotauro*, as personagens da expedição que vai ao resgate da Tia Nastácia provam no Olimpo o néctar e a ambrósia, cujos sabores são equiparados aos de certas comidas conhecidas pelas crianças. E para poderem levar uma amostra destes alimentos divinos, servem-se de utensílios modernos, “um vidro e um pires” (*Minotauro*, p. 132).

Ausência de deuses e heróis que intervenham no desenlace das histórias

Neste tipo de histórias reduz-se o papel divino; não se encontram deuses que ajudem o herói a solucionar os seus conflitos, nem que mediem para resolver a história. Nas palavras de Rodríguez Herrera (2002a): “a ausência de deuses que intervenham no desenlace das histórias aproxima o mito ao conto — lembremos que a intervenção divina é um dos traços definidores do mito face ao conto” (p. 677).

O mesmo acontece com os heróis míticos. São os próprios protagonistas que se convertem nos verdadeiros *fazedores* das façanhas. Emília, Pedrinho e o Visconde, e não Teseu, por exemplo, são os que conseguem entrar no labirinto e libertar a cozinheira das garras do Minotauro; não se orientam nele com o *fio de Ariadna*, que nem sequer mencionam, mas sim graças a três carretéis levados por Emília na sua mala; e também são eles que resolvem o enigma da esfinge em vez de Édipo, que devem ajudar para evitarem que seja devorado pelo monstro.

Episódios do mito que se suprimem, modificam ou adicionam

Nestes tipos de adaptações, as histórias míticas alteram-se mediante a adição ou eliminação de cenas e episódios do relato original.

Em *O Minotauro*, o aspeto mais significativo é a ausência do herói Teseu, protagonista deste episódio mítico, cuja presença se limita no relato de Lobato à nomeação no sonho de Pedrinho, em que a musa da História o conduz pelos principais acontecimentos e personagens da Grécia Heroica:

—Não tem fim o número de acontecimentos de monta que as lendas lendas fixaram. Lembrarei (...) o reinado do rei Minos na ilha de Creta. E as façanhas de Teseu, o herói que enfeixou todos os burgos da Ática numa cidade só...

—E matou o Minotauro! (*Minotauro*, pp. 114-115).

E, posteriormente, quando a criança relata aos seus acompanhantes a descida de Hércules ao Hades, de onde resgata o herói ateniense. A pouca importância que se dá a Teseu no argumento deve-se ao facto de, tanto o labirinto como o Minotauro, não passarem de uma desculpa para o que é verdadeiramente importante: a viagem à Grécia.

Estes tipos de relatos destinados ao público infantil acabam sempre com um *final feliz*. Esta característica, mais uma das que aproximam o mito ao conto para crianças, implica, muitas vezes, a alteração da história mítica. Em *O Minotauro*, tal como noutros relatos da série, o final apresenta a despedida dos protagonistas de todos aqueles que encontraram no caminho e fizeram parte das suas aventuras e o regresso ao rancho. Além disso, apesar de no seu caminho se terem cruzado com numerosas criaturas e monstros e participado ativamente em várias ações, nenhum deles acaba ferido:

—(...) Parto amanhã cedinho para o Picapau Amarelo, e se os não convidado para chegarem até lá é unicamente pela impossibilidade em que os vejo de transporem os 2.377 anos que separam este momento do Tempo do momento do Tempo em que eu vivo no mundo moderno. Adeus a todos! (...) No dia seguinte estavam todos no Sítio do Picapau Amarelo, radiantes de felicidade, comentando os mil e um incidentes da maravilhosa penetração na Grécia Antiga (*Minotauro*, pp. 266-267).

Eliminação de cenas eróticas, sexuais e de violência extrema

Nestes tipos de adaptações dulcificam-se ou inclusivamente eliminam-se as cenas violentas, ao mesmo tempo que se suprime o erotismo e as cenas sexuais, muitas vezes transformadas em meras histórias românticas.

Não há violência em *O Minotauro* no encontro das crianças com a esfinge, com a qual se batem de caminho a Delfos (pp. 223-224) nem com o Minotauro durante o resgate de Tia Nastácia, que amansa à base de bolinhos:

E desde esse dia não parei um instante de fazer bolinhos. O apetite desse homem-boi não tem fim. Come sem parar. E tantas peneiradas de bolinhos comeu que foi engordando, engordando, a pronto de nem mais aparecer na cozinha. (...) Acabou completamente manso. Esqueceu até a mania de comer gente (*Minotauro*, p. 239).

Simplicidade e clareza

A linguagem que Lobato adota nas suas obras infantis é uma linguagem simples, carente de retóricas, coloquial, dirigida às crianças, às quais a sua obra é dedicada, com toques brasileiros e populares, fruto da sua vida no interior de São Paulo (Coitinho, 2008; Velloso-da-Silveira 2012). Este interesse na língua não é exclusivo do autor brasileiro, mas adiciona-se à preocupação com a correção linguística presente na produção literária brasileira de fins do século XIX (Lajolo y Zilberman, 2007).

Em *O Minotauro* a clareza é conseguida com o uso cuidado da linguagem, para que possa ser entendida pelo leitor, e com as notas léxicas que se vão expondo ao longo do relato, como os nomes dos sons dos animais (*Minotauro*, p. 106) ou explicações sobre os significados das palavras, como a diferença entre *tocar/tanger* (p. 80) ou as aceções do adjetivo *bífido* (p. 179):

—Olhe, Pedrinho—disse ela.—Tem duas pontinhas.
—É bífida—observou o Visconde.—Essas línguas de ponta dupla chamam-se bí-fi-das. (...)

—Quer dizer partida em dois. É uma palavra que vem do latim *bis*, “dois”, efindo, “eu parto”, ou “racho”, ou “fendo”. Bífido: fendido em dois.

Pedagogia e compromisso social em *O Minotauro*

Lobato, desde o seu primeiro livro, *Narizinho Arrebitado* (1921), assentou as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: a chamada à imaginação, a vivacidade dos diálogos, a linguagem visual e o enredo e a graça na expressão, uma grande e verdadeira revolução na literatura infantil no Brasil (Arroyo 2010).

As componentes pedagógica e lúdica estão presentes em toda a sua obra¹¹; mas juntamente com elas deve-se assinalar a ideológica.

A intenção do autor ao adaptar desta forma original o relato mítico de *O Minotauro* e, portanto, o de *Os doze trabalhos de Hércules*, consiste não só em aproximar a Antiguidade clássica às crianças, mas também em ensinar-lhes cultura geral de uma forma divertida e didática. Uma forma de o fazer é com a mistura, nos seus relatos, de conto, mito e literatura com história geral e acontecimentos mais relevante da história do Brasil.

Os toques didáticos, de todo o tipo, são constantes, dado que os protagonistas apresentam informações sobre tudo o que veem, descrevem os lugares pelos quais passam e relacionam tudo com outros relatos míticos ou com feitos históricos:

E que há, musa, de mais importante para ver-se na Grécia Heroica?

—(...) Lembrarei a instituição dos Jogos Olímpicos, essa novidade à qual o mundo deve o culto da beleza plástica. E a expedição dos Argonautas, início dum devassamento dos oceanos que culminou na descoberta de Colombo (*Minotauro*, pp. 114-115).

Impregna-se o texto, muitas vezes, de um toque de humor: “Emília apenas murmurou de si para si: ‘Interessante, isto de azeitonas em

árvore! Sempre imaginei que nasciam dentro de latas” (*Minotauro*, p. 122).

Dona Benta vai descrevendo aos pica-paus tudo o que veem durante a sua estadia na Grécia de Péricles, geralmente em contraposição com a sua atualidade, para que o compreendam melhor e advirtam a marca da cultura grega na sua própria cultura, pensamento, costumes e até vestuário. Deste modo, introduz informações pormenorizadas sobre à Grécia do século V a.C. (*Minotauro*, p. 27) ou a construção do Pártenon (p. 68). Encontramos igualmente ensinamentos de índole cultural-mitológica, como os nomes e atributos dos deuses (p. 124), as festas panatenaicas (pp. 77-78) ou a forma de vestir dos gregos:

—(...) Esse *chiton* ou túnica, que você está vendo, constitui uma peça do vestuário dos dois sexos. Roupa de baixo. Por cima vem esse manto, que eles chamam “peplo”. (...) Notem que há peplos de lã, algodão e seda—disse Dona Benta—, e não só brancos, mas de todas as cores. Aquele ali, de formato um pouco diferente, chama-se “clâmide” (*Minotauro*, p. 32).

Outro procedimento para alcançar este objetivo didático é o aparecimento de personagens históricos de outras épocas, mitos, literaturas e contos. Os viajantes encetam relação com personagens como o político Péricles e a sua mulher Aspásia, o filósofo Sócrates, o general Alcibíades, o historiador Heródoto, o tragediógrafo Sófocles ou os escultores Fídias e Policeto. Mas também o fazem com personagens fictícios, como a esfinge ou o Minotauro, e com personagens de outros relatos míticos, folclóricos e literários. Logo desde o início explicam que o rapto da Tia Nastácia ocorreu durante o casamento da Branca de Neve, a famosa personagem dos irmãos Grimm, mas de origem popular, com o príncipe Codadad, protagonista de um dos contos que compõem *As mil e uma noites* e, ao longo da excursão que culmina com o resgate da cozinheira, veem-se envolvidos em episódios e aventuras com heróis e deuses de outros mitos diferentes do mito do Minotauro, como Hércules, Prometeu, Ulisses, Erictónio, os lapitas, os olímpicos ou um suposto Édipo.

De igual forma se alude constantemente a personagens e autores conhecidos da literatura universal (D. Quixote ou o poeta Gonçalves Dias, por exemplo) ou a cientistas e intelectuais contemporâneos como Darwin ou Einstein:

—(...) E a culpa, senhor pastor, é do Visconde mesmo, que nos andou ensinando as teorias dum Darwin, que disse que a vida é um combate que aos fracos abate e aos fortes e aos bravos só pode exaltar...

—Pare, Emília!—gritou Pedrinho—. Parece que o pó embebedou você. Isso não é Darwin, é um verso do poeta Gonçalves Dias. (*Minotauro*, p. 105).

E também a contos anteriores da série, num jogo de intertextualidades presente em vários dos livros que fazem parte do *Sítio*.

Deve-se assinalar o importante aparecimento de Hércules neste relato, cuja história e a dos seus trabalhos se conta de forma integral. Com efeito, os três pica-paus estão presentes na execução do seu segundo trabalho, em que deve matar a Hidra de Lerna. A participação no resto dos seus trabalhos é o facto com que dá origem ao posterior regresso à Grécia, relatado em *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

Juntamente com o mencionado afã educativo, vemos em Lobato um interesse ideológico que se manifesta, ao longo dos relatos, na presença de assuntos contemporâneos e sensíveis à realidade do autor e ao pensamento brasileiro de 1939. Desta forma, mostra a sua opinião relativamente à escravatura e lembra a sua abolição no Brasil:

— (...) Pelo fato de ser escravo, um homem não deixa de ser homem; e uma sociedade que divide os homens em livres e escravos está condenada a desaparecer. (...) Já no meu país também tivemos escravos, até o ano de 1888, que foi quando a Princesa Isabel, a Redentora, promulgou a Lei Treze de Maio, também chamada Lei Áurea. Foi o fim da escravidão no Brasil (*Minotauro*, pp. 56-57).

Há, de igual modo, na boca de dona Benta, uma crítica à sociedade moderna e ao progresso

mecânico, carente de espírito, em contraposição com a antiga:

—(...) Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas—é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou. (...) —Mas então, vovó, o progresso mecânico é um erro—observou Pedrinho.

—Talvez seja, mas não podemos fugir dele porque é também uma fatalidade. Com as suas invenções constantes, o progresso nos empurra para a frente—para delícias e também para mais tumulto, mais aflição, mais correria, mais pressa, mais insegurança, mais inquietude, mais guerra, mais horror (*Minotauro*, pp. 33-34).

Como afirma De-Souza (2007), Lobato partilha, com outros filósofos e escritores europeus, o que se passou a chamar de *milagre grego*, a hipervalorização da cultura grega e a caracterização da Grécia como *foco de luz*, que Lobato admira não só como germe da cultura e da civilização moderna, mas também como berço da liberdade (Araújo-Da-Rocha, 2009):

—Liberdade, meu filho. Bom governo. A coisa teve início quando um legislador de gênio, chamado Sólon, fez as leis da democracia. Antes disso a Grécia estava em plena desordem, com o povo escravizado a senhores. Sólon endireitou tudo. (...) Porque para o homem o clima “certo” é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente (*Minotauro*, p. 29).

Numa época politicamente convulsa como a que o Brasil vivia no momento em que se compunha *O Minotauro*, a democracia era para Lobato sinónimo de liberdade e bom governo, e só nela é que o homem se sentia feliz. Relacionado com este desejo de despertar o sentido crítico, encontra-se o fomento de valores como o comportamento democrático face aos totalitarismos “em que o Estado é tudo e nós, as pessoas, menos que moscas. Neste regime o indivíduo não passa de grão de areia do Estado” (*Minotauro*, p. 58) e a importância do voto “—Alto lá como esse negócio de “quero”. Se estamos na Grécia, o que vale é o voto. Temos que botar o caso em

votação” (*Minotauro*, p. 117). Ou a solidariedade e o trabalho em equipa como modo de conseguir as metas, tal como se vê na ajuda que prestam a Édipo para resolver o enigma da esfinge: “—Temos de ajudá-lo—disse Emília.—Ele é bobo. O enigma da Esfinge poderá ser enigma para as gentes daqui, mas para nós é velharia coroca” (*Minotauro*, p. 224).

Por outro lado, a transformação do monstro antropófago num comedor de bolinhos não só é exemplo da eliminação da violência, mas também insiste na ideia da vitória da inteligência e da educação sobre a força bruta (Tavares, 1984) e no protagonismo das crianças como verdadeiros autores das façanhas.

Lobato, nas suas obras, convida o leitor a despertar o seu sentido crítico ao pô-lo perante problemas políticos, sociais, económicos e culturais presentes nas declarações das personagens (Machado, 2007).

Conclusão

Lobato, tal como farão outros autores posteriores, cria um relato, em que os protagonistas são crianças, contemporâneas ao autor que, servindo-se da magia e da fantasia, viajam até à época clássica e interagem com os heróis e deuses que nela habitam. Este tipo de conto partilha uma série de mecanismos que facilitam a adaptação do mito ao público infantil e juvenil: a dupla temporalidade; o uso de elementos mágicos ou maravilhosos; a contextualização do mito; a ausência de deuses que intervenham no desenlace; a eliminação, modificação ou adição de episódios e elementos do mito, entre eles as cenas eróticas, sexuais e de extrema violência; e a simplicidade e clareza.

Embora numerosos estudos tenham analisado a presença dos elementos clássicos e míticos na obra de Lobato em geral, e em *O Minotauro* em particular, não se tinham estudado nem aplicado, de uma forma sistemática, os procedimentos de adaptação do mito ao público infantil.

Lobato é o precursor deste tipo de adaptações, cuja esteira será continuada por autores posteriores, tanto no Brasil como noutros países, confirmando-se assim a hipótese de estes mecanismos estarem presentes nas adaptações ocidentais dos mitos ao público infantil, independentemente da época e da língua.

O autor paulista, assumindo como pretexto a história do Minotauro, cria um relato didático e ameno que permite que os jovens leitores, aos quais se dirige, se aproximem dos mitos, mas também da história, da literatura, da cultura e dos costumes da Grécia clássica de uma forma lúdica e simples. No fundo, o Minotauro só interessa pelo facto de a Tia Nastácia se encontrar no seu labirinto.

O *Minotauro* caracteriza-se pelas constantes notas de esclarecimento, assim como pela mistura de personagens de áreas tão variadas como a literatura, a história, o mito ou a tradição, que obedecem ao seu afã pedagógico. É notável, igualmente, o seu esforço na correção linguística, a mesma que partilha com outros autores brasileiros de fins do século XIX, assim como a sua preocupação ideológica, o desejo de despertar o sentido crítico e o fomento de valores como a democracia, a liberdade e a solidariedade.

Notas

1. Prova desta presença é a grande quantidade de estudos dedicados a este assunto. Alguns deles são os de Barrado-Belmar (1998), Cristóbal (1985), Encinas (2015), González-Marín (2001), Hualde-Pascual (2000) y Rodríguez-Herrera (2002a, 2002b).

2. As versões de M^a Luz Morales da *Ilíada* e da *Odisseia* na coleção *Las obras maestras al alcance de los niños; Mitología clásica contada a los niños e historia de los grandes hombres de la Grecia*, de Fernán Caballero ou *Flor de Leyenda*, de A. Casona são alguns dos primeiros exemplos delas na Espanha.

3. Este tipo de recurso é encontrado na maioria dos contos que compõem a série, dado que os seus protagonistas viajam pelo universo das lendas do seu país, pelos contos populares, por cenários da literatura universal e pelo

mundo clássico e convivem, de forma pontual, com as personagens que os protagonizam.

4. O estudo sobre os procedimentos de adaptação que operam em *Os doze Trabalhos de Hércules* pode ser lido em Curbelo-Tavío (2019).

5. De entre os livros e artigos consultados para a elaboração deste capítulo devem-se mencionar Campos, 1986; Carvalho-de-Vasconcellos, 1982; Cavalheiro, 1956; Coitinho, 2008; Crespo, 1998; Moreira, & Rodrigo-de-Oliveira, 2014; Souza, 2006; Velloso-da-Silveira, 2012; Yunes, 1982; Zilberman, 1981.

6. Apesar do que fica exposto, a sua obra foi censurada durante a ditadura brasileira, e os seus livros foram inclusivamente queimados (Machado, 2015).

7. O primeiro livro da série, *Reinações de Narizinho*, foi recomendado pela Diretoria da Instrução Pública, desde a sua publicação, como livro escolar (Arroyo, 2010) e ainda hoje é leitura obrigatória nas escolas do Brasil (De-Souza, 2007; Soriano, 1995).

8. A partir deste ano, Lobato já não publicará livros sobre o Sítio no Brasil, mas sim na Argentina, para onde muda a sua residência (Lajolo y Zilberman, 2007).

9. Também não falta o mundo romano. Em *No tempo de Nero* (1947), um dos vinte relatos protagonizados pelos mesmos personagens que a Editorial bonaerense Codex pediu ao escritor, Pedrinho tem a ideia de viajar para a Roma Antiga dos grandes imperadores. No entanto, por culpa de uma travessura da Emília, em vez de viajarem para a Roma de Marco Aurélio, fazem-no para a de Nero.

10. Sobre a adaptação que Lobato faz a partir do mito do Minotauro v. Bratsiotis, 2006; Tavares, 1984, pp. 152-160; Tavares, 2013). A partir daqui, as citações literais do texto de Lobato aparecerão como *Minotauro*.

11. Prova desta conceção pedagógica em que Lobato tenta aplicar a máxima educativa de «aprender divertindo-se» são, entre outros, os títulos *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *Emília no país da Gramática* (1934) o *História do Mundo para as Crianças* (1933).

Referências

- Araújo-da-Rocha J. R. (2009). A Grécia pelos olhos dos picapaus: Lobato e sua leitura de antiguidade clássica. *Revista Letras*, 78, 85-95.
- Arroyo, L. (2010). *Literatura infantil brasileira*. São Paulo, Brasil: UNESP.

- Barrado-Belmar, M. C. (1998). De Perseo a *La Testa della Maga*. Presencia y transformación del mito clásico en los cuentos populares. *Mitos. Actas del VII Congreso Internacional de la Asociación Española de Semiótica*, vol. 1 (pp. 430-435). Zaragoza: Universidad de Zaragoza.
- Bratsiotis, E. S. (2006). *A mitologia grega na obra 'O Minotauro' de Monteiro Lobato*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Recuperado de <https://www.sapili.org/livros/pt/cp030501.pdf>.
- Campos, A. L. V. de (1986). *A República do Picapau Amarelo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Carvalho-de-Vasconcellos, Z. M. (1982). *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço.
- Cavalheiro, E. (1956). *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional.
- Coitinho, C. (2008). *Literatura de Monteiro Lobato. Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil*. Porto Alegre, Brasil: EdIPUCRS. Recuperado de http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Literatura_de_Monteiro_Lobato.pdf.
- Cristóbal, V. (1985). Mitología clásica y cuentos populares españoles. *Cuadernos de Filología Clásica*, 19, 119-143.
- Curbelo-Tavío, M. E. (2019 en prensa). Una peculiar adaptación de los mitos clásicos en el *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. *IV Colóquio Internacional "A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa"*. Lisboa: Campo da Comunicação/Centro de Estudos Clássicos.
- De-Souza, A. (2006). Descubriendo el *Sítio do Picapau Amarelo*. La literatura infantil de Monteiro Lobato y su universo mágico. *Cuadernos Literarios*, 6, 145-171.
- De-Souza, J. (2007). *O "Sítio do Picapau Amarelo da Antigüidade"*. Singularidades das "Grécias" lobatianas. Tesis doctoral. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252452/1/Topan_JulianadeSouza_M.pdf.
- Encinas, M. C. (2015). Los mitos griegos en la literatura infantil y juvenil del siglo XIX. *Thamyris*, 6, 87-110.
- González-Marín, S. (2001). Las adaptaciones de relatos mitológicos. *CLIJ*, 139, 7-14.
- Hualde-Pascual, M. P. (2000). '... Soñaba con héroes de la *Ilíada*': la obra de Homero en la literatura infantil española de tema clásico (1878-1936). *Estudios Clásicos*, 118, 69-92.
- Lajolo, M., & Zilberman, R. (2007). *Literatura infantil brasileira. História & Histórias*. São Paulo, Brasil: Ática.
- Laparra, M. (1996). Les adaptateurs de romans, des bienfaiteurs méconnus? *La revue des livres pour enfants*, 170, 73-80.
- Lobato, M. (2017). *O Minotauro*. São Paulo: Globo Livros.
- Machado, A. M. (2004). *Clásicos, niños y jóvenes*. Bogotá, Colombia: Norma.
- Machado, A. M. (2007). *Balaio: livros e leituras*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.
- Machado, A. M. (2015). Censura, arbitrio y sus circunstancias. *Ocnos*, 14, 7-17. doi: https://doi.org/10.18239/ocnos_2015.14.01.
- Moreira, G., & Rodrigo-de-Oliveira, F. (2014). Contribuições de Monteiro Lobato à literatura infanto-juvenil: sugestão de um projeto de leitura. *RELAdeI. Revista Latinoamericana de Educación Infantil*, 3(1), 97-111.
- Rodríguez-Herrera, G. (2002a). La transformación del mito clásico en el género infantil. En I. Pascua-Febres, E. Ramón-Molina, Perera, A. & Marcelo-Witnitzer, G. (Eds.), *Traducción y Literatura infantil* (pp. 669-683). Las Palmas de Gran Canaria: ULPGC.
- Rodríguez-Herrera, G. (2002b). *La Eneida en la literatura infantil y juvenil en España (1914-2001)*. *Philologica Canariensis*, 8-9, 165-190.
- Soriano, M. (1995). *La literatura para niños y jóvenes. Guía de exploración de sus grandes temas*. Buenos Aires, Argentina: Colihue.
- Sotomayor, V. (2005). Literatura, sociedad, educación: las adaptaciones literarias. *Revista de Educación, número extraordinario*, 217-238.

- Tavares, D. A. (1984). O Minotauro: ausências e substituições em Lobato. *Revista Criação & Crítica*, 152-160.
- Tavares, D. A. (2013). *As viagens do Minotauro: diálogos entre o mito, o texto lobatiano e sua adaptação televisiva*. Tesis doctoral. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/.../Daniella%20Amaral%20Tavares.pdf>.
- Velloso-da-Silveira, L. (2012). La literatura infantil en Latinoamérica antes y después de Monteiro Lobato. *Studium Veritatis*, 10/16, 247-273.
- Yunes, E. (1982). *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa.
- Zilberman, R. (1981). Literatura infantil: transitoriedad del lector y del género. *Lectura y Vida. Revista Latinoamericana de Lectura*, 2, Recuperado de http://www.lecturayvida.fahce.unlp.edu.ar/numeros/a2n4/02_04_Zilberman.pdf.